SEFIC2017 UNILASALLE
A PESQUISA E O RESPEITO À DIVERSIDADE
16 A 20 DE OUTUBRO DE 2017
ISSN 1983-6783

(RE)MEMORANDO OS ANCESTRAIS: A ORALIDADE E A HIERARQUIA EM UM TERREIRO/BARRACÃO DE CANDOMBLÉ

Sandro Rodrigues da Silva, Artur Cesar Isaia (orient.)
UNILASALLE

Resumo

Este artigo é parte integrante de uma dissertação e tem como por objetivo contribuir para a discussão de como os rituais em um terreiro/barracão de Candomblé fundamentam-se e são atualizados na memória, considerando sua oralidade, sua hierarquia e a sua ancestralidade. O método utilizado neste artigo foi a revisão bibliográfica.

Palavras-chave: *Memória, Oralidade, Ancestralidade.*

Área Temática: Ciências Humanas.

1. Introdução - Propósito central do trabalho

A ideia desta pesquisa se deu, primeiramente, por afinidades, interesses, motivações individuais e coletivas sobre o campo religiões afro-brasileiras, também chamadas de religiões oriundas de matriz africana. O Candomblé, explorado neste contexto pela Antropologia e seu campo de Memória Social, desde os primeiros diálogos, serviu de objeto na constituição de um estudo coletivo, rico por experiências, saberes e trocas entre mim - no papel de aprendiz orientando – e meu orientador – no papel de mestre detentor de uma bagagem científica abastada no sentido de contribuir ao presente estudo. Portando, considerando esta construção permanentemente coletiva, utilizaremos como sujeito o pronome “nós” para a representação deste trabalho.

O interesse em compreender como a cultura negra, particularmente a religião, se relaciona com a formação identitária brasileira, levou-nos à literatura especializada, em particular, a contribuição da Antropologia da Religião, para dialogar sobre as formas de compartilhamento dos fundamentos ritualísticos no Candomblé e a sociabilização do conhecimento através da oralidade e da ancestralidade. Assim, chegamos a Prandi (2005) e Barros (2014), os quais analisam a presença saliente das crenças religiosas de matriz africana na formação da identidade brasileira. Portanto, as obras de Reginaldo Prandi (2005) e José Flávio Pessoa de Barros (2014) serviram de apoio para repensarmos nosso objeto de estudo.

Observar o Candomblé como uma organização que possui uma estrutura clara e uma hierarquia bem definida, instiga compreender como isso se dá através, tão apenas, da oralidade, atuando no sentido de compreender a transferência do conhecimento não escrito, não registrado, entregue na rotina do tempo que se destaca com as ressignificações das práticas mnemônicas de fé.

Diante do exposto, propomos como problema de pesquisa para este artigo o seguinte questionamento: qual a relação entre a oralidade e rituais praticados no Candomblé, considerando sua ancestralidade e sua forte hierarquia sob forma de fundamento de uma religião eminentemente assentada na memória? Já para o objetivo escolhemos relacionar a existência de rituais com a ancestralidade do Candomblé, considerando suas assimetrias de autoridade e os conhecimentos oralmente transmitidos.

ISSN 1983-6783

2. Marco Teórico

A abordagem escolhida para introduzir a memória e a identidade dentro do contexto candomblecista, explicando as relações de ancestralidade, hierarquia e transmissão do conhecimento através da oralidade, foi identificada no conceito adotado por Clifford Geertz (2008) que, ao analisar a religião sob a visão de um sistema cultural, afirma:

> [...] um padrão de significados transmitidos historicamente, incorporados em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas sobre formas simbólicas por meios das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida. (GEERTZ, 2008, p. 103)

Outra afinidade que justifica esta abordagem ao adentrar o Candomblé e suas ressignificações se demonstra quando Geertz (2008) critica a adoção das tradições teóricas da Antropologia da Religião. O autor descreve que tais tradições apresentam uma estagnação sem descobertas e propõe que as tradições teóricas existentes sirvam de base para estudos que ampliem a percepção e a possibilidade de novas descobertas, "é preciso colocá-las em um contexto muito mais amplo do pensamento contemporâneo". (GEERTZ, 2008, p.66)

Devido à tentativa de conceituar o termo cultura, Geertz (2008) estabelece outros dois conceitos fundamentais para a compreensão de sua teoria ligada à religião, o primeiro é o conceito de *ethos* como sendo a adaptação do estilo de vida idealizada às coisas atuais e o segundo conceito é a denominada "visão de mundo" que ajusta o contexto das coisas sob um estado, emocionalmente, verdadeiro e convincente.

Ao observarmos o Candomblé enquanto um sistema cultural cabe recorrermos à definição de que o conceito de religião está elencado a "um sistema de símbolos que atua para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações no homem [...]", ainda, reforçando que este sistema de símbolos pode ser integrado por "objeto, ato, acontecimento, qualidade ou relação que serve como vínculo a uma concepção – significado do símbolo [...]". (GEERTZ, 2008, p. 67)

O sistema de símbolos encontrado no Candomblé se destaca por sua complexa cadeia de ressignificações, considerando suas estratégias de manutenção do *ethos,* onde não há o certo ou errado, mas sim, a rememoração ressignificada na luta pela inserção social e que assumem o papel de reflexões instigadoras que as cerimônias religiosas podem apresentar.

A construção social dos terreiros/barracões de Candomblé recebe permanentemente ressignificações ancoradas a seu sistema de símbolos e, consequentemente, rituais e práticas de cura. Diante disso, retomamos a oralidade como característica marcante, identificando uma tradição oral e histórica ainda muito presente, que evidencia a ancestralidade sob forma de elemento que pratica a manutenção mnemônica de visão do mundo africano. (PRANDI, 2005)

No recorte da diáspora africana, o Brasil recebeu vários povos durante o período de escravagismo - mais intenso a partir do século XVI - povos identificados, posteriormente, pelo termo *Nagô*. Essa identificação se deu muita mais por sua língua comum - o Iorubá - do que propriamente por sua região de origem, conforme afirmam Barros e Napoleão (2011). Contudo, foi no final do século XVIII e início do século XIX que o Brasil recebeu, com intensa entrada pela Bahia, uma implantação e uma reformulação dos elementos de um sistema cultural africano que perdura até os dias atuais.

A aglutinação de diversos povos advindos da África, condicionados exacerbadamente para o território brasileiro, deu origem ao Candomblé, "resultado da reelaboração de diversas culturas africanas, produtos de várias afiliações, existindo, portando, vários candomblés. " (DE BARROS, 2010, p. 11)

ISSN 1983-6783

Inicialmente, a amplitude do Candomblé se limitou ao estado da Bahia por conta de ser a maior entrada portuária do país na época, sendo, posteriormente, disseminada às demais região do país. Por conta desta expansão, Prandi (2005) denota que o Candomblé da Bahia possui equivalência ao Xangô de Pernambuco, ao Batuque do Rio Grande do Sul e ao Tamborde-Mina no Maranhão, por exemplo, todas variantes do povo Iorubá.

Já os grupos que se organizaram e conseguiram perpetuar seus aspectos culturais receberam o nome de suas cidades ou regiões iorubanas de origem como "queto (keto), ijexá, efã". Cabe destacar outras variantes que caracterizaram os nomes dados às nações de Candomblé, pois além da iorubana, podemos encontrar as de origem banta (angola e congo) e a de origem fom (jeje-mahim e jeje-daomeano), conforme afirma Prandi (2005). O autor ainda contribui afirmando que "os candomblés baianos das nações queto (iorubá) e angola (banto) foram os que mais se propagaram pelo Brasil, podendo hoje, ser encontrados em toda parte. " (PRANDI, 2005, p. 21)

Os barracões/terreiros de Candomblé, locais de rememoração e adoração aos orixás (entidades extranaturais) e eguns (ancestrais), demonstram-se traversalmente como um "lugar da memória, das origens e das tradições, onde, além de se preservar um conhecimento naturalístico e uma língua ancestral, na qual são entoados cantos e louvações", também ajudam a criar um sentimento de pertencimento ligado a regras específicas de convivência da vida social. (BARROS, 2010, p. 13.)

Ao falar que o Candomblé é uma religião brasileira, não podemos deixar de considerar que esse complexo religioso é resultado da junção de cultos praticados por diversos grupos distintos da África e implica na união de diversos elementos de várias etnias ressignificados com os sincretismos feitos com os santos católicos e uma forte política de branqueamento das zonas urbanas iminentemente vista no estado da Bahia e Rio de Janeiro, por exemplo, empurrando as casas de santo para áreas rurais mais afastadas. (NAPOLEÃO; BARROS, 2011)

Dada a importância destes locais na manutenção e ressignificação mnemônica dos rituais candomblecistas, Barros (2014, p.13) apreende que o "terreiro é, portanto, uma associação liturgicamente organizada, em cujo espaço se dá a transmissão e aquisição dos conhecimentos de uma determinada tradição religiosa [...]" e "com regras específicas baseadas no parentesco mítico, no princípio da senioridade e na iniciação religiosa".

O parentesco mítico citado é uma das heranças ressignificadas da cultura africana que perdura nos barracões/terreiros até os dias de hoje, sendo chamado de "família-de-santo". Nesse entendimento de família-de-santo, rememorado e transmitido dos mais velhos para os mais novos, consideramos que "essa memória dos dramas que pontuam, animam, ilustram e condensam o universo do parentesco mítico, provoca uma inflexão cognitiva nas representações que orientam o intercurso social numa casa de Candomblé". (VOGEL; MELLO; BARROS, 2012, p. 33)

Uma característica muito marcante deste sistema cultural que ajuda a distinguir o Candomblé de outras religiões de culturas míticas é a de não conhecer a escrita e ser alicerçado na memória e na ancestralidade. Prandi (2005, p. 20) corrobora ao afirmar que no Candomblé, a oralidade impera, pois para ele "o tempo é circular e acredita-se que a vida é uma eterna repetição do que já aconteceu num passado remoto narrado pelo mito".

Ao se apossar da oralidade sob forma de narração do mito, o Candomblé se utiliza de seus sistemas de símbolos para criar padrões culturais que funcionam de modelos para estabelecer parâmetros de comportamento que formulam e explicam a ordem geral das coisas, mostrando a dependência dos adeptos aos símbolos e sistemas simbólicos de (re) significados míticos. (GEERTZ, 2008)

Outra característica muito presente na religião dos orixás estudada nesta pesquisa, o Candomblé, é sua organização em termos autoridade religiosa e hierarquia sacerdotal, pois seus conceitos básicos ampliam o conhecimento sobre valores e modos de agir quando se fundamentam na origem africana, oposta aos conceitos ocidentais. (PRANDI, 2005) Tais valores são observáveis entre seus seguidores e possuem influência

ISSN 1983-6783

direta na noção de vida e experiências vivenciadas, mesmo que através da memória não vivida, mas ressignificada através da oralidade. Prandi (2005, p. 20) ainda reforça que "as noções de tempo, saber, aprendizagem e autoridade são as bases do poder sacerdotal no Candomblé".

Para Barros (2014, p. 41), "a palavra cantada ou falada assume um papel relevante: ela é portadora e desencadeadora de axé". Tal afirmação vai ao encontro, novamente, da saliente característica da oralidade, utilizada como ferramenta na manutenção mnemônica e aprendida com os mais antigos, aqueles que são detentores do conhecimento.

A hierarquia no Candomblé se liga diretamente às questões de ancestralidade, pois o conhecimento da rotina acumulado com o passar dos anos pelos mais velhos é referenciado pelos mais novos a todo o momento, seja no hábito de andar, falar, cumprimentar e até se alimentar. A reverência ancestral pode ser compreendida como sendo um canal de preservação às raízes africanas evidenciadas na família de santo, pois pouco importa os papéis de seus adeptos fora dos terreiros/barracões. (VOGEL; MELLO; BARROS, 2012)

Diferentemente de como ocorria na África, a ancestralidade se construiu nas práticas religiosas de membros do mesmo terreiro/barracão de Candomblé, pois o que antes considerava as ligações biológicas, hoje recebeu a ressignificação dos laços da família de santo, ou seja, entre membros integrantes do mesmo axé (terreiro/barracão). (VOGEL; MELLO; BARROS, 2012)

Para Barros (2014) estas características relacionadas à ancestralidade ajudam a fortificar os traços de uma estrutura hierárquica bem definida, onde cada um dentro do terreiro/barracão deve saber sua posição para, inclusive, desenvolver suas atividades. Ao membro mais novo ou um já iniciado, chamados de *abiã* e *Iaô,* respectivamente, cabem questionar ao mais velho, o *ebômin* sobre o que fazer e como fazer, se respaldando que nem todas as perguntas possuem direito à resposta imediata, pois tudo no Candomblé tem seu tempo na oralidade do conhecimento.

Na transmissão do conhecimento o ciclo de aprendizagem é permanente para quem se dedica a aprender, assim Barros (2014) afirma:

> O conhecimento é produto de vivência cotidiana no terreiro, concretizando-se por meio de uma relação interpessoal. Ouvir os cantos, as histórias exemplares e os comentários litúrgicos dos mais velhos é fundamental na perspectiva religiosa. A palavra ocupa um espaço significativo, sendo-lhe atribuído o poder de veicular axé. (BARROS, 2014, p. 45)

Diante deste contexto de transmissão do conhecimento, a língua Iorubana se preserva como mais um traço identitário do Candomblé ancestral, aliada à Língua Portuguesa, instiga a ressocialização do novo adepto através da ressignificação dos termos de "atrasar" ou "adiantar", pois como já foi elucidado, no Candomblé tudo tem seu tempo dentro do cumprimento do que for necessário. (PRANDI, 2005)

Ainda sobre o processo de aprender, Barros (2014) considera que a hierarquia, a ancestralidade e a oralidade perpetuam e valorizam características como a assiduidade, o progresso e a permanência do adepto dentro do terreiro/barracão de Candomblé, pois é mediante a rotina que se consegue absorver o conhecimento/segredo detido, seja através da observação ou de vivências cotidianas integradas às práticas ritualísticas.

No compartilhamento do conhecimento e na ressignificação dos símbolos um pedido de benção (reverência) "afirma que o mais velho sabe mais e sua verdade é incontestável. Saber é poder, é proximidade maior com deuses e seus mistérios, força mítica que move os mundos, manipulada pelos ritos". (PRANDI, 2005, p. 48)

Nos ensinamentos dos rituais mais complexos, segue-se o mesmo fluxo dos mais velhos para os mais novos, tudo se concretiza através do mistério e do segredo. Ao compartilhar os aspectos de um determinado ritual como a escolha da reza e os tipos de plantas que serão utilizados, ao ser repassado a um membro aprendiz, tudo deve ser guardado como um tesouro valioso, pois o Candomblé "conserva a ideia de que as plantas são fonte de axé, a força

ISSN 1983-6783

vital sem a qual não existe vida ou movimento e sem a qual os cultos não podem ser realizados". (PRANDI, 2005, p. 110)

Esta ligação com a natureza não deixa de ser um alicerce em seu sistema de símbolos, pois além de ter seus deuses/orixás como as próprias representações da natureza, o Candomblé fundamente-se na expressão de que sem folha não há Candomblé. Afirmação preponderante até os dias atuais, seja por sua força mágica especial ou por ser uma fonte de princípios ativos contidos em diferentes espécies, assim delimita Barros (2014).

3. Metodologia

Ao adentrar um terreiro/barracão de Candomblé e analisar seu complexo sistema cultural de símbolos e, consequentemente, ressignificações mnemônicas, nos deparamos com algumas possibilidades de adoção como parte do método da presente pesquisa. Especificamente para este artigo, que apresenta uma reflexão analítica sobre o que já foi publicado sobre o tema, escolhemos como proposta uma pesquisa bibliográfica.

Recorrendo a especialistas, a pesquisa bibliográfica (de fontes secundárias) como coletora de dados integra toda bibliografia já publicada sobre o tema abordado no estudo. "Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que já foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto". (MARCONI; LAKATOS, 2006, p. 185)

Já para Oliveira (2000, p. 199) a pesquisa bibliográfica geralmente é realizada "em bibliotecas públicas, universidades e, especialmente, naqueles acervos que fazem parte do catálogo coletivo e das bibliotecas virtuais [...], transformando-se rotina para o pesquisador que necessita de constante atualização".

4. Considerações Finais

Diante desta revisão teórica, podemos perceber que, apesar da não presença (nas referências pesquisadas) da escrita no processo de compartilhamento dos saberes do Candomblé, fica evidente que a oralidade tomou papel fundamental na transmissão do conhecimento, fortalecendo uma hierarquia não institucionalizada e valorando os ancestrais da "família de santo". Nesse sentido, compreendemos o porquê Prandi (2005) relata que é impossível pensar Candomblé abstraindo-se dele as narrativas orais.

As memórias ressignificadas apontam-se desde os primeiros contatos com o sistema cultural do Candomblé. O reconhecimento de membros mais experientes como detentores de "axé" faz a hierarquia desta religião se destacar em suas relações de poder simbólico, onde os mais novos são condicionados a uma nova compreensão de tempo e espaço em uma sociedade que valoriza a força ancestral.

A língua iorubana e a manipulação das plantas, por exemplo, integram questões mnemônicas de ressignificação do passado africano que emergem através da palavra falada ou cantada. Barros (2014) intensifica esta ideia ao afirmar que sem a ligação com a natureza através do uso das folhas, não existiria nenhum ritual no Candomblé.

São nestes detalhes que evidenciamos a atuação do *ethos* e conseguimos compreender como essa "visão de mundo", tão bem explorada por Geertz (2008), se faz presente nos Candomblés dos quatro cantos do Brasil. A oralidade faz o sistema de símbolos do Candomblé ter sua manutenção na rotina de fé, de crença, tão bem instigada pelos segredos guardados e compartilhados.

ISSN 1983-6783

Referências

BARROS, José Flávio Pessoa de. **A floresta sagrada de Ossaim:** o segredo das folhas. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

BARROS, José Flávio Pessoa de; NAPOLEÃO, Eduardo. **Ewé òrìsà:** uso litúrgico e terapêutico dos vegetais nas casas de candomblé jêje-nagô. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 5. ed. 2011.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC,1989.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

OLIVEIRA, Silvio Luiz de. **Tratado de Metodologia Científica:** Projetos de Pesquisas, TGI, TCC, Monografias, Dissertações e Teses. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 2000.

PRANDI, Reginaldo. **Segredos Guardados:** Orixás na alma brasileira. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.